

A MEDIDA COMO LIBERDADE E AUTONOMIA: UMA LEITURA DA DOCTRINA DO SER NA CIÊNCIA DA LÓGICA DE HEGEL

Adilson Felício Feiler¹

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

 <https://orcid.org/0000-0001-7352-927X>

E-mail: feilersj@yahoo.com.br

RESUMO:

A medida, em sua dimensão de autossubsistência, se apresenta como unidade relacional. Por isso, aberta a engendrar novas relações, que são, nelas mesmas, relações de medida a constituir um todo relacional. Em sua independência de uma para com a outra unidade reacional, a medida opera, de forma livre, sem nenhum tipo de determinação, razão pela qual pode ser considerada real. E em sua dimensão de realidade, a medida apresenta um superar de momentos sequenciais de imediatidade externa, de relacionalidade diversa, confluindo no voltar-se sobre si de uma afinidade eletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Medida real; Autossubsistência; Relação; Afinidade eletiva.

THE MEASURE AS FREEDOM AND AUTONOMY: A READING OF THE DOCTRINE OF BEING OF THE SCIENCE OF HEGEL'S LOGIC

ABSTRACT:

Measured, in its dimension of self-subsistence, it presents itself as a relational unit. Therefore, open to engendering new relationships, which are, in themselves, relationships of measurement to constitute a relational whole. In its independence from one reaction unit to another, the measure operates freely, without any type of determination, which is why it can be considered real. And in its dimension of reality, the measure presents an overcoming of sequential moments of external immediacy, of diverse relationality, converging in the turning on itself of an elective affinity.

KEYWORDS: Real measure; Self-subsistence; Relationship; Elective affinity.

¹Doutor(a) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre – RS, Brasil.
Professor(a) da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte – MG, Brasil.

1. Introdução

A autossustentabilidade da medida, enquanto categoria lógica, se apresenta como livre de determinações externas, como seriam os mais diversos expedientes, que operam os mais diversos tipos de cerceamentos: os mandamentos, ordenamentos externos e as leis estranhas. Ao gozar desta liberdade de determinações, a categoria lógica da medida se apresenta em suas diferentes operações como capaz de operar independentemente de critérios externos a ela mesma. Ainda mais, ela mesma engendra os seus próprios critérios de medida, sem a necessidade de se valer de parâmetros externos, que poderiam ser oferecidos por outro critério de medida.

Contudo, apesar desta liberdade e independência com relação aos diversos critérios de medida, ela não se constitui uma mónada, ou seja, sua autossustentabilidade não faz dela uma realidade isolada do campo das relações. Relações estas que são por ela mesma engendradas; o que, mais uma vez, comprova a sua autossustentabilidade e liberdade. E cada uma destas relações, por ela engendradas, constitui um todo, em uma unidade relacional. Desse modo, cada relação de medida é, ao mesmo tempo que uma teia de relações, também uma autonomia. Desse modo, a autossustentabilidade da medida não invalida a sua dimensão relacional, mas a potencializa e liberta, ainda mais no sentido de que quanto mais autônoma e subsistente, tanto mais propicia novas relações por ela mesma engendradas, e, quanto mais propicia tais relações, tanto mais autonomia e autossustentabilidade ela passa a gozar.

O itinerário, aqui proposto, inicia com uma abordagem referente a um primeiro momento dialético da medida auto subsistente, que é a imediatidade, em sua externidade. Este primeiro momento se intitula: “A autossustentabilidade da medida como imediatidade externa”. No segundo momento se passa a refletir sobre como a medida, em sua autossustentabilidade se mostra como unidade relacional, que se manifesta em sua diversidade e multiplicidade. Se intitula “A medida auto subsistente como relacionalidade diversa.” Para, por fim, no último momento se refletir sobre a maneira pela qual a medida auto subsistente se manifesta em seu voltar-se para dentro de si, a modo de auto reflexividade e seletividade como afinidade eletiva. Intitula-se “A medida auto subsistente refletida como afinidade eletiva.”

2. A autossustentabilidade da medida como imediatidade externa

A medida² auto subsistente é, nela mesma, relação de medida, não necessitando, por isso, de nenhum padrão externo a ela, já que ela mesma engendra em si mesma os próprios padrões de medida, contribuindo para a unidade do sistema como um todo³. À medida se refere tanto a exterioridade como a interioridade, como acompanhamos na reflexão de Luigi Pelloux “A medida é a exterioridade que se refere a si mesma e é ao mesmo tempo a exterioridade retirada” (Pelloux, 1838, p. 64). A medida compreende uma noção grega que é a de uma totalidade que não se excede, como Georges Noël assim se expressa: “O ponto de vista da medida é, segundo Hegel, o ponto de vista próprio do espírito grego enquanto o espírito nacional. Na moral, na política, na arte e na

² Charles Taylor apresenta, de maneira muito simples e didática, em que consiste a categoria de medida no sistema de Hegel. “Entender a realidade mediante a categoria da Medida é, por conseguinte, entender qualidades fundadas em certas quantidades ou relações entre *quanta*. À guisa de exemplo muito simples, temos a água, que deve ter uma temperatura entre 0° e 100°, caso contrário, converte-se em gelo ou vapor. Temos aqui a unidade simples entre qualidade e quantidade que define a medida; os *quanta* 0° e 100° são os escolhidos como significativos devido às mudanças qualitativas que ocorrem nesses limites, e essas mudanças qualitativas são atribuídas às mudanças de temperatura. Temos, por conseguinte, a relação entre duas dimensões de propriedade, o estado da substância e sua temperatura, as quais [...] são essenciais para a caracterização quantitativa” (Taylor, 2014, p. 281).

³ Vittorio Hösle, ao refletir sobre a estrutura unitária do sistema diz que “Concretamente, porém, isso significa que ontologia e lógica, as doutrinas do existente enquanto existente e do pensar, independentemente de um determinado conteúdo, têm de ser integradas com vista a uma unidade com a ciência do absoluto.” (Hösle, 2007, p. 84).

religião, a Grécia a primeira a se elevar a compleição de medida, por outro lado não a excedeu” (Noël, 1967, p. 43). Ao mesmo tempo que a medida compreende a totalidade, mantém também os limites da mesma. Como recorda François Châtelet: “A medida é a síntese e a superação da qualidade e da quantidade; por ela, aquela se transforma nesta; desse modo, com ela, o Ser encontra sua verdade” (Châtelet, 1992, p. 89). Pelo fato de que a medida é ela mesma resultado da unidade de outras categorias, passa a servir de critério para outras categorias que a ela sucedem, com auto subsistente. Segundo Charles Taylor: “A mediada é a unidade imediata de Qualidade e Quantidade e, como tal é também *quantum* e, em consequência, suscetível de aumentar e diminuir” (Taylor, 2014, p. 282).

Em sua autossubsistência, a medida é, em um primeiro momento, imediata⁴, sem nenhuma determinação externa, pois ela em si mesma é determinada por si e em si⁵, e não por algum fator externo.⁶ Arturo Gaete diz que “A medida que se despreza da rede das reações se vai vendo melhor que é o imediato” (Gaete, 1995, p. 70). E, quando se fala em medida, se faz necessário ter presente que se trata de dois lados, de modo que se conte com padrões sobre os quais se mede. E, neste caso, ambos os lados, que servem de padrão um para o outro lado, pertencem a uma e mesma realidade, que, em si, é independente e, por isso, auto subsistente. E cada um destes lados da medida podem perfeitamente subsistir “[...] fora do outro em coisas particulares” (Hegel, 2016, p. 376).

Cada um dos lados da medida podendo existir um fora do outro, da mesma forma podem subsistir em coisas externas, sem prejuízo de sua integridade⁷. E esta subsistência só é possível por não haver nenhum tipo de determinação que atue na medida ao modo de um pré-conceito, o que, do ponto de vista ético, por exemplo, constitui um problema sério. No campo da ética, todo padrão de medida que ao subsistir em uma realidade externa, mantiver qualquer tipo de determinação, acaba por atuar de maneira unilateral e ideológica, impondo sobre a realidade externa todo o seu modo de enxergar as coisas.

Pelo contrário, a autossubsistência dos lados da medida, em realidades externas, deve manter-se o mais imediata possível, sem determinarem-se por nenhuma realidade externa, senão por si mesmas a fim de que a sua atuação resulte em integridade dela mesma e salve a realidade sob a qual ela subsiste. Desse modo, as partes, ou seja, o lado da medida com a coisa externa poderão ser “[...] postas externamente em combinação [Verbindung]” (Hegel, 2016, p. 376). O ser posto em combinação, em sua imediatidade⁸, diz respeito a subsistência do lado da medida, de tal forma que constitui com a realidade externa uma unidade⁹, sem nenhum tipo de introdução de

⁴ “A física, a química, que medem, trazem a verdade última do Ser tal como se dá em sua imediatidade, como qualidade. Em suma, para fornecer um fio condutor que nos permita seguir os níveis dessa primeira janela do tríptico do Saber (fio condutor errôneo, sem dúvida, pois é do domínio do vocabulário da psicologia transcendental), digamos que, para tomar o Ser como absoluto, devemos, em todo o rigor, acolhê-lo, em primeiro lugar, tal como se impõe na percepção – como qualidade –, ter acesso, em seguida, graças à matemática, à sua natureza abstrata – como quantidade pura, extensão, interioridade, relações aritméticas ou geométricas –, chegar, enfim, à física - como medida” (Châtelet, 1992, p. 89).

⁵ O ser determinado somente por si e em si mesma, contudo não fazem da medida uma mônada, tal como Noël se expressa: “Ela não é medida em si e para si. Ela só é medida de um caminho todo exterior e convencional” (Noël, 1967, p. 44). A medida só é assim compreendida na sua qualidade de medida enquanto em relação com o externo, porém não a este determinada.

⁶ “A medida é a unidade da quantidade e da qualidade, mas ela é primeiro tal como uma existência imediata. Ela é um certo quantum de uma certa qualidade (comprimento, peso, temperatura) arbitrariamente selecionado como unidade a qual se compara a grandeza homogênea.” (Noël, 1967, p. 44).

⁷ A categoria de medida é, inclusive, recordada por Cyril O’Regan, como completude de um momento de articulação divina. A correlação dos movimentos lógicos da qualidade e da quantidade, tem na medida a completude, “[...] isto é o momento que é responsável pelo pela determinação do desenvolvimento.” (O’regan, 1994, p. 89).

⁸ “O Ser é o imediato. Se o saber quer alcançar o verdadeiro, o que o Ser é em si e para si, não pode parar no imediato e em suas determinações, deve penetrar nesse imediato, supondo que atrás desse Ser há outra coisa além do Ser, e que esse âmag constituiu a verdade do Ser” (Châtelet, 1992, p. 90).

⁹ A própria lógica de Hegel é a busca de superação de dicotomias em direção à unidade, como mostra Robert Sinnerbrink: “O objetivo último da lógica de Hegel é supressumir a lógica opositiva do *entendimento* (*Verstand*) analítico ou formal, que fundamenta os sistemas categoriais das metafísicas da substância e do sujeito. A lógica especulativa do Conceito supera a unidade tríplice do universal, do particular e do individual, uma lógica que Hegel afirma pertencer a um pensamento genuinamente livre, em

elementos que sejam estranhos, e que venham a impedir a relação entre as partes, mas sim atuando no sentido de fomentar uma sã combinação entre ambas. Esta combinação atua como vínculo de reconhecimento e, ao mesmo tempo de flexibilidade entre as partes, que, ao se unirem em seu vínculo de subsistência possam adquirir aquela familiaridade necessária para uma mútua convivência, em que nenhum tipo de estranhamento possa perturbar a relacionalidade, o que soe acontecer no sistema hegeliano inteiro:

O sistema inteiro de Hegel está supostamente fundamentado pelas relações categoriais nas diferentes partes da lógica hegeliana. Isto também vale para as bem-conhecidas partes específicas da sua filosofia (como com relação entre o senhor e o escravo, a noção de *Geist* e suas famosas teses sobre a razão na história e a realização da liberdade no mundo moderno). Embora a relação entre a lógica de Hegel e as outras partes de seu sistema continue a ser uma questão candente para os estudiosos de Hegel, para os nossos propósitos uma breve consideração de como a lógica especulativa informa algumas das mais bem-conhecidas análises de Hegel de fenômenos sociais, culturais e políticos vai ajudar a introduzir temas da sua filosofia da história, e os principais aspectos da sua mais importante obra de filosofia política a Filosofia do Direito (Sinnerbrink, 2017, p. 46).

Apesar de externas, estas realidades todas, que compõem o sistema de Hegel inteiro, não se estranham, mas se reconhecem, e isso graças a maneira imediata com que o lado da medida auto subsistente não permanece simplesmente imediata, mas se mediatiza, e isto se dá mediante a categoria de quantidade que delas se depreende. Pela mediação, a própria categoria de medida já não permanece estática, já que “[...] a medida é uma categoria de transição” (Pelloux, 1838, p. 65). Pela quantidade, que é diferenciada em uma e outra parte da relação elas se determinam. Em que medida a determinação da autossubsistência da medida não corrompe a sua natureza de autossubsistência pelo vínculo contraído com as diferenças?

3. A medida auto subsistente como relacionalidade diversa

A medida auto subsistente compreendida em sua relacionalidade externa, e conseqüente combinação já passa a ser considerada uma materialidade subsistente, pois é quantitativamente subsistente. A esta medida já está integrada a quantidade, o que a torna determinada. “Para que a medida seja isto o que ela deve ser, é necessário que ela se produza como determinação pela qualidade de um quantum indiferente, como especificação da quantidade pela natureza própria de ser qualitativa, como supressão pela quantidade de indeterminação inerente à própria qualidade pura.” (Noël, 1967, p. 44). Por isso, a medida se encontra no nível da relacionalidade¹⁰ e da mediatidade, de onde ela poderá encontrar a sua especificação e determinação.

Como medida mediatizada, se determina pela relação quantitativa mesma e com as outras. Ou seja, nela mesma, enquanto relação quantitativa determinada e em outras relações, da mesma forma, quantitativamente determinadas. Como recorda Maxence Caron “A esfera do ser é marcada pelo movimento de passagem no outro. Seu conceito fundamental é o *Devir* que se precisa em infinidade autêntica” (Caron, 2006, p. 247). Por isso, em cada relação estabelecida, algo na medida deixa de ser indeterminado para se determinar, e isso num processo contínuo e incessante, quanto mais relações, mais mediações e mais determinações.

Neste momento, a medida necessita sair de si de sua imediatidade, para que ao confrontar-se com as diferenças externas, deixar-se interpelar pelas mesmas. E, neste interpelar, caminhar

autodesenvolvimento. Apesar de todo o seu caráter arcano, a lógica de Hegel, no entanto, fornece um fundamento essencial para a compreensão das suas célebres análises da história moderna, da sociedade, da cultura e da política.” (Sinnerbrink, 2017, p. 45).

¹⁰ “[...] os momentos da medida não consistem somente em um lado quantitativo e um outro lado qualificador do quanto (próprio) de uma única e mesma qualidade, senão na relação de duas qualidades, que em si mesmas são medidas” (Gaete, 1995, p. 73).

gradualmente para uma determinação. As múltiplas relações que se vão estabelecendo “[...] são determinadas pela mesma relação quantitativa com outras” (Hegel, 2016, p. 377). Por essa razão, a relação quantitativamente considerada é a mesma, ou seja, a relação de si para consigo mesma.

Contudo, neste momento esta relação conta com o intercâmbio de diferenças que se apresentam numa constante provocação à saída de si mesmo, de sua endogenia, para expressar-se como dialogicidade, o que quebra com aquela monoliticidade de um diálogo voltado sobre si mesmo, para empenhar-se no diálogo com os diversos opostos e diferentes¹¹. O que, por sua vez, implica em riscos, perdas e necessidade constante de desinstalação. E é, justamente, no momento deste processo de saída e rompimento com a medida em sua dimensão de imediatidade indeterminada para a mediatidade que exercitar-se-á a sua afinidade com as diferenças. “Porém, visto que sempre retornamos à qualidade e à medida, mesmo que sejam diferentes, não deveríamos encarar essa mudança como um progresso infinito em novos termos, mas antes como identidade na diferença¹²” (Taylor, 2014, p. 282).

Quanto maiores e diversas forem as relações, tanto mais estas irão ganhado corpo, e, também, mais amplas e ricas serão suas determinações. Com isso, se pode facilmente estabelecer pontes com o diferente, e, neste processo de experiências, muito do que era preconceito passa a ser redimensionado para o nível de um reconhecimento, proximidade e dialogicidade¹³, contudo o perder de sua diferença, que é a afinidade “[...] como diferentes com respeito a elas (a assim chamada afinidade).” (Hegel, 2016, p. 377). Nesta relação contínua com as diferenças, o movimento que envolve a medida é contínuo, “A dialética da Medida, em contrapartida, está em continuidade com a da Quantidade, é a prolongação dela, passando pelas mesmas considerações” (Taylor, 2014, p. 283). No prolongamento das relações entre os *quanta* particulares vão se estabelecendo algumas identidades em meio as diferenças, que marcam a existência da qualidade. “A introdução desse conceito de qualidade fornece a razão para que nos fixemos nesses *quanta* particulares que definem os limites, ao passo que esses *quanta* são responsáveis pelo fato de as coisas terem a qualidade que têm” (Taylor, 2014, p. 283). Os limites que permeiam as diversas relações entre as coisas, salvaguardam, ao mesmo tempo, as relações de abertura ao relacionamento de afinidade entre elas.

A afinidade guarda, ao mesmo tempo, a capacidade de relacionar e abrir-se à diferença, sem perder a sua própria identidade. Ou seja, se realiza o movimento de saída de si mesmo enquanto medida auto subsistente, reconhecendo o diferente e manter o seu diferencial identitário de medida. Por isso, dando um passo além, neste relacionar-se com o diferente é impossível, pela exclusividade eletiva, não perder a sua capacidade de reflexividade?

¹¹ “Cada termo passa de um outro não é ainda considerado como um contrário, nem como um contraditório, isto é como ligado a seu autoproduzir outro” (Caron, 2006, p. 247).

¹² “Reconhecemos aqui o mesmo tipo de argumento que está na base da transição de todas as três seções da Lógica do Ser. Em primeiro lugar, a finitude da entidade sob consideração (*Etwas* na primeira seção, *quantum* na segunda), isto é, o fato de ela sucumbir quando levada além de um certo limite, e apresentado como necessidade interior; mas o seu perecimento é o nascimento de algo diferente como necessidade interior; mas o seu perecimento é o nascimento de algo diferente (o outro, na primeira seção, um novo *quantum*, na segunda). Isso gera a perspectiva de um progresso infinito de termos. Esse resultado inaceitável (para Hegel) é evitado pela identificação da unidade na diferença entre as diferentes fases dessa mudança necessária.” (Taylor, 2014, p. 282).

¹³ “Um termo não é sem o seu outro, e cada um conta sobre o outro para sustentar ao mesmo tempo que ele gostaria o abolir” (Caron, 2006, p. 248).

4. A medida auto subsistente refletida¹⁴ como afinidade eletiva

Em seu relacionar com as diferenças, a medida permanece indiferente, ou seja, não perde a sua identidade. Mesmo não perdendo o que há de mais essencial na própria medida, realiza o movimento de encontro com as diferenças e com todas as mediações que daí demandam. Permanece, por isso, como medida que na sua autossubsistência é capaz de abrir-se às diferenças, sem por elas se contaminar no que lhe é mais íntimo.

Contudo, esse relacionar e mediatizar avança um momento a mais, e, neste momento, realiza um movimento de fechamento. Isso representa um refletir¹⁵ sobre si em si e sobre as diferenças que foram acolhidas nas mediações realizadas. Como mostra Nathan Ross, este momento da reflexividade é um “[...] puro pensamento que ganha insight internamente a todas as suas contradições” (Ross, 2021, p. 63). E, neste refletir, neste refletir sobre si e, ao mesmo tempo, fechar-se, exclui aquilo que nele não julga relevante para a realização da medida, ou seja, depura nele o que possa representar ameaça ou obstáculo a sua integridade enquanto autossubsistência de medida. “Cada um dos termos só se nega por se encontrar com a negação de seu contrário; cada um faz deste contrário um momento dele mesmo, cada um se eleva pela verdade infinita” (Noël, 1967, p. 47). No entanto, trata-se e um movimento que não é apenas excludente, mas também includente¹⁶. Pois se exclui algo para eleger outras realidades. E o critério para que esta eleição ocorra se denomina afinidade. Pois, sem que exista alguma afinidade entre as partes que se unem, não pode se constituir verdadeira unidade. A afinidade seria uma espécie de atração mútua de uma para com a outra parte, tendo como meta a realização de um bem sempre mais universal.

Por essa razão, não se trata de simplesmente eleger aquilo que é meramente externo, o que sirva de agrado simplesmente ao prazer exterior e superficial, mas sim deve corroborar para a realização de um bem mais universal. Pois somente assim a medida, em sua realidade de autossubsistência, será capaz de manter-se, em sua realidade de integridade de medida, no intuito de eleger o que há de melhor para que ocorra uma verdadeira aderência, afinidade entre as partes que a compõe, e assim concorrer para que o bem mais universal se efetive, como uma atividade auto fundante¹⁷.

Desse modo, a realização da medida não se adequa a finalidades externas, autocentradas e incongruentes com a realidade que a cerca. Mas que, sensível a toda essa realidade, se possa efetivar um processo total de medida real em sua integridade de autossubsistência. Portanto, trata-se da realização de um “[...] relacionar indiferente, múltiplice, fecha-se ao mesmo tempo,

¹⁴ “Ingressamos, por conseguinte, no reino das categorias bidimensionais, as da Essência, que Hegel chamará também de determinações de reflexão (*Reflexionsbestimmungen*). Nesse termo, está contido um conjunto bastante rico de referências. Em primeiro lugar, lembramos que Hegel usou o termo ‘reflexão’ desde os primeiros tempos para designar os conceitos de divisão, separação ou dualidade, os conceitos do entendimento que são predominantes entre a primeira unidade primitiva e a unidade final mais elevada. As determinações de reflexão, por conseguinte, encaixam-se na *Lógica* entre a imediatidade do Ser e a unidade mais elevada do Conceito” (Taylor, 2014, p. 286).

¹⁵ “Em outras palavras, a reflexão do Ser de volta para a realidade subjacente da Essência só pode existir para o sujeito reflexivo que distingue aparência e realidade; essência e manifestação exterior. Acompanhar as contradições da e as transformações na Essência é acompanhar as contradições da e as transformações na relação do sujeito com a realidade conhecida. Logo, as duas reflexões são de início simétricas, cada uma delas seguindo o seu próprio caminho. Porém, no fim elas se tornarão uma só, quando virmos que a estrutura última da realidade é a estrutura de pensamento e, em consequência, que o espírito cognoscente está perfeitamente em casa no núcleo das coisas, não estando mais separada dele” (Taylor, 2014, p. 287).

¹⁶ Trata-se de um incluir que aponta para o infinito que é o ser total. “Esta infinidade não é mais aqui aquela da qualidade pura, nem aquela da quantidade, é a infinidade mais concreta do ser total, que se manifesta idêntica a si através de todas as mudanças quantitativas ou qualitativas. Isto que é demonstrado aqui é a mudança ao mesmo tempo persistente; que é um só e mesmo ser que aparece alternadamente em diversas determinações. Estas determinações se encontram pelo negado suprimido enquanto existência independente e rebaixada ao papel de estado ou acidente fugidivo de um substrato imutável.” (Noël, 1967, p. 47).

¹⁷ “[...] o pensar não é uma substância, mas sim uma atividade autofundante” (Ross, 2021, p. 63).

até tornar-se ser para si excludente” (Hegel, 2016, p. 377). Este ser para si excludente possui o seu sentido de realização na medida em que aponta para a inclusão de outra realidade em si.

Por isso, não é exclusivo por excluir, mas antes um depurar aquilo que ainda não se encontra o suficientemente puro. Já que é pela pureza de sua constituição enquanto medida auto subsistente que se alcançará o seu estatuto de realidade. E é somente daí que se poderá falar de medida real auto subsistente. Trata-se, por isso, de percorrer um processo que demanda um certo trauma, que responde pelo depurar, pelo corte e separação de tudo aquilo que não concorre para a efetivação desta integridade da medida. Pois seria inviável e inadequada uma medida que se constituísse na realidade de medida contendo em si toda a sorte de elementos que a ela não concorrer para a realização de sua integridade.

A exclusão de elementos que não contribuam para a sua imparcialidade de medida é requisito fundamental para o seu estatuto de pureza e integridade. Pureza e integridade estão ligados a um fator fundamental para que a medida possa ser bem sucedida, que é a imparcialidade.

O quanto mais imparcial for a medida, não se determinando por ele, maior grau de realidade e integridade gozará a medida. Logo, o depurar destes elementos escusos, para a sua integridade, conta com um processo que envolve momentos anteriores, que é o de sua imediatidade externa, sua relacionalidade diversa, até atingir a sua afinidade eletiva, o que faz com que cada parte concorra para a realização da totalidade e integridade da realidade da medida em sua autossubsistência.

5. Considerações finais

Pelo percorrer do itinerário apresentado, foi possível constatar o potencial relacional responsável pela medida real, na sua dimensão de autossubsistência; e este potencial de liberdade e autonomia, que dela se depreende. A sua liberdade, em cada lado da medida, guarda a sua autossubsistência, o que faz com que ela de nada pode guardar em si a sua capacidade de manter o seu próprio padrão e natureza de medida. A medida deve, como mostrado no decorrer desta investigação, se apresentar em momentos dialéticos de superação: iniciando por uma imediatidade externa, passando por uma relacionalidade externa e mediata e confluindo numa afinidade eletiva.

No momento dialético da imediatidade externa, a medida se mostra a nada determinada graças a esta imediatidade e indeterminação que a medida é capaz de guardar a sua capacidade própria de medida, tendo como requisito fundamental a imparcialidade, sem a qual nenhum tipo de reação é possível para a garantia de sua efetividade. Ao ser a nada determinada, a medida garante que as partes, dela compostas, possuem sua combinação externa. Desse modo, cada parte, por sua própria subsistência e autonomia, possui a capacidade de estabelecer relações com outros, sem que nenhum tipo de implicação possa impedir tais combinações relacionais; como seria, por exemplo, no campo ético, todas aquelas ideologias que impedem qualquer tipo de diálogo, que é base para toda boa relação.

Em seu momento de mediatidade auto subsistente, a medida realiza toda a sorte de relações externas. E nestas relações, a medida vai passando a se determinar, de sorte que quanto mais relações são estabelecidas, mas determinada a medida permanece. Contudo, mesmo determinadas, a medida não perde a sua liberdade e autonomia, ou seja, a sua própria natureza de autossubsistência. Por isso, por mais que nas relações sejam sentidos diversos traumas e conflitos, isso não incorre em perda daquilo que é inerente a cada parte envolvida na relação. Mas, pelo contrário, as relações mediatizantes vão proporcionando a criação de afinidades.

Logo, a medida autossubsistente, ao relacionar-se mediatamente, também, num momento posterior de superação retorna sobre si. Este retorno é aqui descrito como fechamento, mas um

fechar-se não no sentido de isolamento, mas de voltar-se para dentro de si e refletir-se, de modo a ponderar sobre tudo o que representou as suas relações e assim constatar o que lhe é a fim, daquilo que não é. E, neste movimento, exclui tudo o que nas relações não resultou em afinidade. É, portanto, um movimento de depuração, razão pela qual a medida pode garantir a sua dimensão de pureza e, por isso, de realidade.

Referências

- CARON, M. *Être et identité. Méditation sur la Logique de Hegel et sur son essence*. Paris Les: Éditions du Cerf, 2006.
- CHATÉLET, F. *Hegel*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- GAETE, A. *La Lógica de Hegel. Iniciación a su lectura*. Buenos Aires: Edicial, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica. A doutrina do ser*. Trad. Christian G. Iber et all. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- HÖSLE, V. *O sistema de Hegel. O idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad. Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- NOËL, G. *La Logique de Hegel*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1967.
- O'REGAN, C. *The Heterodox Hegel*. Albany: State University of New York Press, 1994.
- PELLOUX, L. *La Logica di Hegel*. Milano: Società Editrice Vita e Pensiero, 1938.
- ROSS, N. Metafísica. In: *G. W. F. Hegel. Conceitos fundamentais*. Ed. Michael Baur. Trad. José Maria Gomes de Souza Neto. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- SINNERBRINK, R. *Hegelianismo*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- TAYLOR, C. *Hegel. Sistema, método e estrutura*. Trad. Nélío Schneider. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Adilson Felício Feiler. feilersj@yahoo.com.br